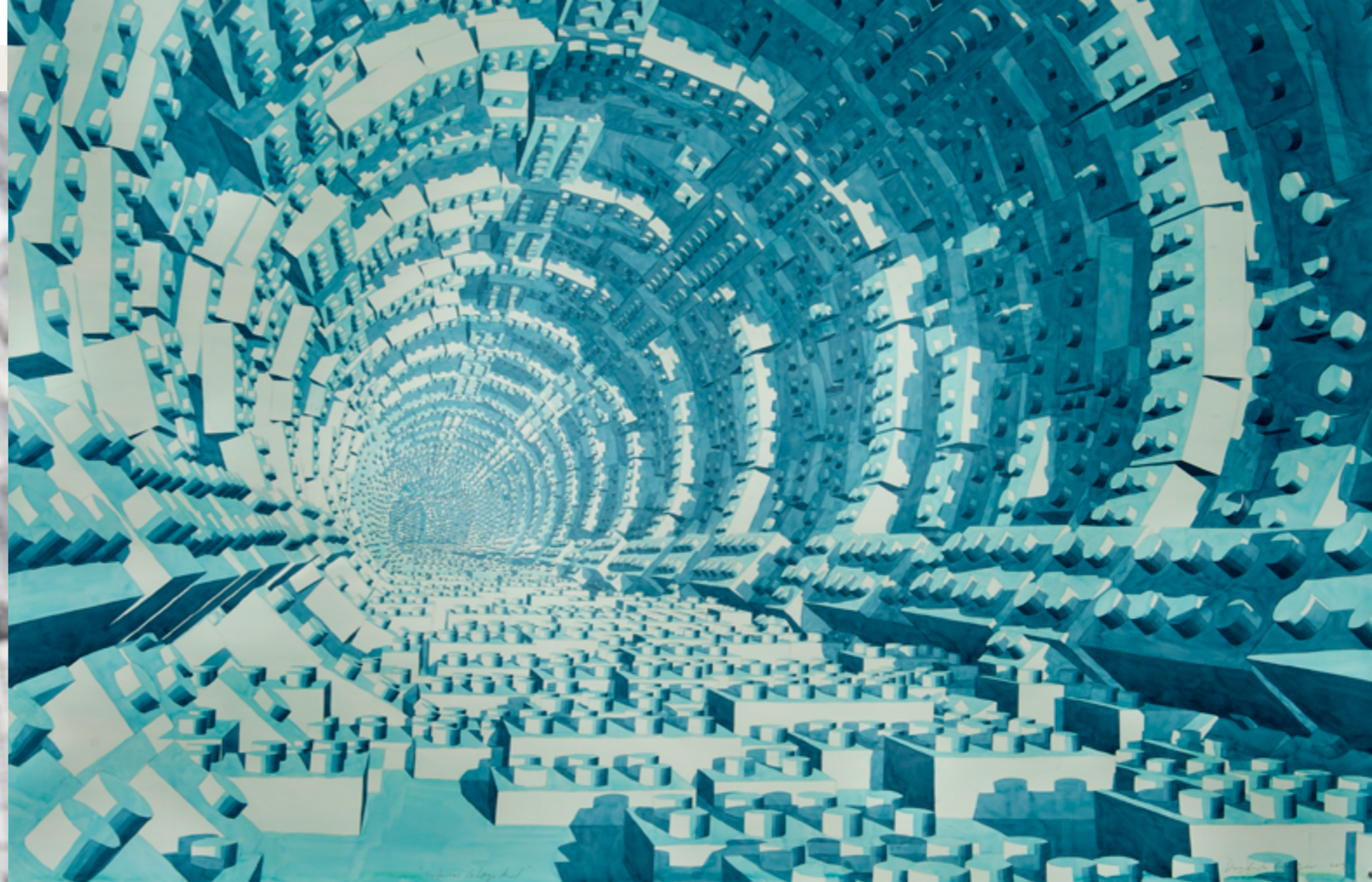




DAGOBERTO RODRÍGUEZ. Photo © Lisa Gómez



DAGOBERTO RODRÍGUEZ

CUBA, 1969

Conheci o Dagoberto quando preparávamos a exposição que inaugurou em Lisboa, em 2017. Na altura, fazia parte do colectivo de artistas que finha como nome *Los Carpinteros*, dupla que trabalhou em conjunto ao longo de 25 anos, tendo muito impacto internacional. As suas obras fazem parte das colecções de grandes museus como o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), o Centro Georges Pompidou, em Paris, a Tate Gallery, em Londres, entre outros.

Hoje, Dagoberto trabalha como artista independente, com as mesmas problemáticas que o assaltam desde 1992, e leva com ele “as suas coordenadas de origem na sua reflexão e investigação de trabalho.” Expressa-se através do humor e de uma finíssima e subtil forma de ironizar a realidade. Tudo é político sem que a mensagem seja directa; o trabalho prolonga-se no olhar do seu espectador e este pode tomar as suas próprias conclusões a partir de uma estética crítica e irónica.

I met Dagoberto when we were preparing the exhibition he was about to inaugurate in Lisbon in 2017. At the time, he was part of the artists’ collective that went by the name *Los Carpinteros*, a duo that worked together for 25 years, achieving considerable international reputation. His works can be found in the collections of major museums such as the Museum of Modern Art in New York (MoMA), the Georges Pompidou Centre in Paris, the Tate Gallery in London, to name but a few.

Currently, Dagoberto works as an independent artist, with the same problematics that have beset him since 1992 and takes with him “his original coordinates in his reflection and research work.” He uses humour and a fine and subtle way of ironising reality as a way of expressing himself. Everything is political without the message being blunt; the work lingers in the gaze of its viewer who can then draw their own conclusions from this critical and ironic aesthetic.

▲ "INTERIOR DE LEGO AZUL", 2019. AGUARELA SOB PAPEL, / WATERCOLOR ON PAPER, 130 X 200 cm.
▶ "ISLA ROJA" DETALHE/DETAIL, 2020.
▼ EXPOSIÇÃO SOLO/SOLO EXHIBITION: "FUTURO ALTERNATIVO". PALAZZO DEL PARCO. SALA R. FALCHI. CORSO GARIBALDI. DIANO MARINA, ITALY. Photo © Jordi Cugat.





"PERDÓNAME", ACAPULCO. Photo © EFe/Yander Zamora

Criado no porto costeiro de Caibarien, em Cuba, começa por pintar paisagens marítimas, mas é já longe da sua cidade natal, no Instituto Superior de Arte de la Habana, que se forma e constrói a sua abordagem como artista. Viveu numa Cuba militarizada, em que a chegada da guerra se converte numa fantasia que nunca aconteceu. Talvez por isso, os seus trabalhos com bombas feitas de argila, satélites artesanais e símbolos bélicos de brincar joguem com esses mesmos universos, sempre presentes na vida de quem cresceu num regime distópico e comunista, isolado do mundo.

Na sociedade, interessa-lhe sobretudo as teias do poder. Criou o conceito "arqueologia do poder", uma investigação pessoal que tem como objectivo visualizar e compreender questões físicas e psicológicas construídas pelas redes do poder na sociedade, seja poder político, tecnológico ou de outros formatos que influenciam e intervêm de forma invisível, mas controladora na vida quotidiana.

O seu trabalho gravita entre a escultura, o desenho, a pintura e o vídeo, meios para melhor explorar o que o preocupa. A utilização da aguarela como um meio para comunicar a escultura tornar-se-ia, ao longo do tempo, numa linguagem visual para comunicar com o espectador. A arte, para Dagoberto Rodríguez, é uma ferramenta de conhecimento e de registo da existência humana, é um marca-passos dos acontecimentos do mundo: "enquanto artistas, temos uma função social e somos ouvidos." As suas obras definem-se por terem várias capas de compreensão e de sentido, e, na simplicidade dos seus desenhos e das suas aguarelas, encontra-se a complexidade do pensamento analítico, mas também poesia e sensibilidade.

Raised in the coastal port of Caibarien, Cuba, he first painted seascapes, but it was far from his hometown, at the Instituto Superior de Arte de la Habana, that he trained and developed his approach as an artist. He lived in a militarised Cuba, where the imminence of war was a fantasy that never materialised. Perhaps this is why his works with bombs made out of clay, handmade satellites and toy war symbols interact with these same universes, that are always present in the life of those who grew up in a dystopian and communist regime, isolated from the rest of the world.

In society, he is particularly interested in the webs of power. He coined the concept "archaeology of power", a personal investigation that aims to visualize and understand physical and psychological issues built by the networks of power in society, be they political power, technological or other formats that influence and intervene in an invisible but controlling way in our daily lives.

His work gravitates between sculpture, drawing, painting and video, all media to better explore what concerns him. The use of watercolour as a medium to convey sculpture would become for him, over time, a visual language to communicate with the viewer. For Dagoberto Rodríguez, art is a tool of knowledge and for recording human existence, it is a pacemaker of the events of the world: "as artists, we perform a social role and we are heard." His works are defined by their multiple layers of understanding and meaning, while in the simplicity of his drawings and watercolours one encounters the complexity of analytical thought, but also poetry and sensitivity.



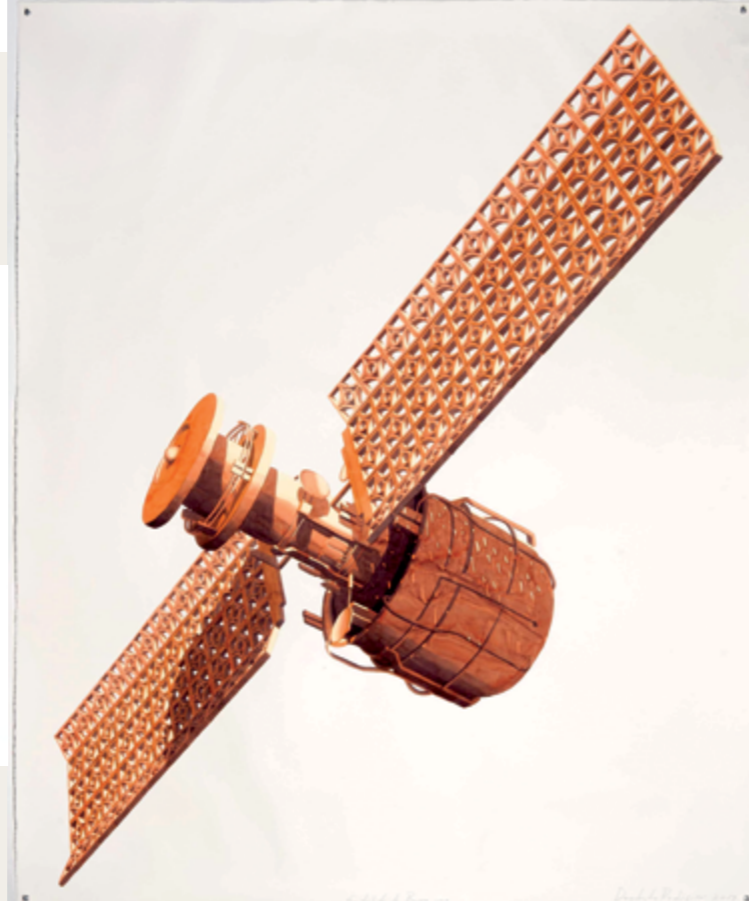
"ISLA NARANJA", 2020. AGUARELA SOB PAPEL, /WATERCOLOR ON PAPER, 130 x 130 cm.



"PATRIA O MUERTE", 2018. BRONZE CROMADO E TINTA, /CHROME BRONZE AND PAINT, 21x69x4 cm.



▲ "ÂNFORAS I", 2020. BARRO QUEIMADO DIMENSÕES VÁRIAS/FIRED CLAY, VARIABLE DIMENSIONS. COLEÇÃO/COLLECTION SOLO, MADRID.
▶ "SATELITE DE BARRO UNO" AGUARELA SOBRE PAPEL/WATERCOLOUR ON PAPER, 2019.



Dotado de uma alegria natural, Dagoberto fala de uma forma directa, franca, e permite um diálogo fácil sobre o seu trabalho ou sobre a vida. Vê-se a si próprio como um "intermediário ou um tradutor." Emigrante tardio, deixa Cuba já com 40 anos, e trabalha a partir de Madrid num atelier cheio de luz, onde a disciplina e o trabalho são acto de criação. A criação é um processo que vem pela mão da vontade. "É um diálogo comigo próprio." Percebemos, na sua carreira, que esse diálogo é feito da influência e da convivência com outros artistas que acompanharam o seu processo de crescimento, o peso da história que o fascina e move, os livros que leu, e as disciplinas como a arquitectura ou o design, que, sem medo, experimenta de forma próxima. Tudo isso transparece numa transformação antropofágica onde os factores exteriores são convertidos em compromissos próprios.

Sobre a forma como vê o futuro, responde que vivemos na maior revolução tecnológica de sempre, desde a utilização dos computadores aos mapas virtuais que nos guiam pela cidade e decidem rotas e gostos por nós. "O que era antes um futuro como especulação e ficção é hoje o presente". Acredita que esse terreno de especulação para explorar o futuro como campo de reflexão lhe permite analisar como vivemos, como queremos viver, como nos relacionamos com os nossos contextos domésticos e psicológicos no espaço vital onde a vida acontece. É isso que lhe interessa. ▲

With his natural cheerfulness, Dagoberto speaks in a direct, frank way, enabling an effortless dialogue about his work or about life. He sees himself as an "intermediary or a translator." As a late emigrant, he left Cuba at the age of 40, and works from Madrid in a studio filled with light, where discipline and work are an act of creation. Creation is a process that comes through the exercise of the will. "It is a dialogue with myself." We realise, in his career, that this dialogue consists of the influence and co-existence with other artists who have accompanied his journey of growth, the weight of History that fascinates and moves him, the books he has read, and disciplines such as architecture or design, which he fearlessly experiments with closely. All of this emerges in an anthropophagic transformation where external factors are absorbed into his own commitments.

Regarding how he sees the future, he answers that we are experiencing the greatest technological revolution ever, from the use of computers to the virtual maps that guide us around the city and decide our routes and tastes for us. "What was once a speculated future and fiction is now the present". He believes that this speculative territory, exploring the future as a field of reflection, allows him to analyse how we live, how we want to live and how we relate to our domestic and psychological contexts in the vital space where life takes place. That is what fascinates him. ▲



Design to match and play

Follow us
vicaimainfinity.com

